CAPA

Nos seus primórdios, a psicoterapia foi entendida como pertinente à esfera da clínica. Com os desenvolvimentos da Psicologia e das Ciências Humanas, em particular com os desenvolvimentos da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, fica cada vez mais difícil entender simplesmente neste âmbito a chamada Psicoterapia. Ressaltam, em particular, as suas dimensões culturais, as dimensões culturais da condição de seus clientes, terapeutas, e dos processos da promoção de seus efeitos. Este ensaio busca explorar e explicitar alguns dos aspectos psicossociais e culturais da psicoterapia, entendendo-a, e aos seus agentes, processos, e resultados, como pertinentes especificamente à esfera da produção cultural.



Psicoterapia e Produção Cultural

Afonso H Lisboa da Fonseca

Pedang

PSICOTERAPIA E PRODUÇÃO CULTURAL

Psicoterapia (*Também*) é Cultura



Coleção beija flor:
Fonseca, A. H. L.

- Psicoterapia e Produção Cultural.

- Psicologia Humanista e Pedagogia do Oprimido. Um Diálogo Possível?

- Apontamentos para uma História da Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial

- Carl Rogers.
Sobre o seu paradigma fenomenológico existencial em psicologia e psicoterapia.

- Gestalt Terapia. Teoria Mínima.

Ficha Catalográfica

Afonso H Lisboa da Fonseca, 1954 -
Psicoterapia e produção cultural.
Psicoterapia também é cultura.
Maceió: Pedang, 2006.
ISBN

PSICOTERAPIA E PRODUÇÃO CULTURAL

Psicoterapia (*Também*) é Cultura

Afonso H Lisboa da Fonseca

Pedang
Programa de Publicação do Laboratório Experimental de Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial

Maceió
2006

© 2006. Afonso H Lisboa da Fonseca.
Psicoterapia e Produção Cultural.
Psicoterapia também é cultura.

Pedang
Programa de Publicação do Laboratório
Experimental de Psicologia e Psicoterapia
Fenomenológico Existencial.

Rua Visconde de Irajá, 60/105. Pajuçara.
57030-150 Maceió AL.
affons@uol.com.br
http://www.geocities.com/eksistencia
Brasil

2006.

PREFÁCIO

Inicialmente, a psicoterapia foi entendida como pertinente à área da clínica. Com os seus desenvolvimentos, com os desenvolvimentos das ciências humanas, ressalta o quanto é estreita a mera circunscrição da psicoterapia à esfera da clínica, ao tempo em que ressaltam as fundamentais determinações da psicoterapia a partir da cultura, e dos próprios processos de produção cultural. E a necessidade de enfocar, entender, e produzir a conceituação e método da psicoterapia, a compreensão de seus agentes, processos e resultados, a partir da perspectiva da cultura, e dos processos de produção cultural. Este parece ser um próximo, e importante, capítulo da compreensão da concepção e do método da psicoterapia.

Neste sentido, é que busca contribuir o presente trabalho, abordando a psicoterapia, o psicoterapeuta, o cliente e sua condição, os processos e resultados da psicoterapia, a partir da cultura e dos processos de produção cultural.

Deste ponto de vista, avulta a importância da inserção da terapia, de seus agentes, processos e resultados nas

dinâmicas psicossociais das culturas concretas, buscando entender, inclusive, a partir da perspectiva de uma ecologia cultural, como a incidência de uma multiplicidade de culturas no processo de constituição da pessoa na cultura do meio urbano configuram a condição dos processos da terapia, ao mesmo tempo em que configuram a condição do cliente, do terapeuta e dos processos da terapia..

Maceió, Enseada da Jatiúca, Abril 2006.

SUMÁRIO

Prefácio

1. Introdução.

2. A Psicoterapia. um Processo Psico-Socio-Corporal de Elaboração e Reelaboração Cultural do Cliente e de Constituição Dele como um Produtor Cultural Efetivo.

A definição da psicoterapia a partir de sua interioridade./ A Psicoterapia, o terapeuta e o cliente como lugar e seres culturais institucionais, constituídos anteriormente ao arcabouço conceitual de cada escola e da própria psicoterapia./ A Anterioridade histórica e a anterioridade funcional./ Introdução a uma concepção da psicoterapia da perspectiva psico-socio antropológica da cultura./ A psicoterapia como lugar institucional continente para um certo tipo de relação-processo, metódicos e sistemáticos particulares entre o terapeuta e o cliente./Processo de elaboração e re-elaboração psico-sócio-cultural do cliente./As escolas de psicoterapia como tradições culturais particulares./ Redefinindo e recontextualizando o estatuto e a concepção da psicoterapia./ Alguns pontos de vista.

3. O Cliente, um Produtor Cultural em Crise, ao Nível Microssocial.de sua Existência.

Quem é o cliente da Psicoterapia./ Respostas fáceis./ O dito cliente e as implicações de uma definição a partir da clínica./ A psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial e o desmonte da ***concepção clínica do cliente****. / Socialização, cultura e crise./ Um produtor cultural em crise./ Crise cultural e crise existencial./ Produtor cultural em crise, incompetente, e produtor cultural efetivo./ Efeitos Psicoterapêuticos./ O cliente,* ***culturativo e culturogênico./*** *O carecimento de elaboração e re-elaboração cultural e os efeitos do processo psicoterapêutico.*

4. O Psicoterapeuta.

A instituição ***psicoterapia, psicoterapeuta****./A constituição cultural pessoal do psicoterapeuta./ O terapeuta como um ser cultural da cultura de sua escola de psicoterapia/ A* ***formação*** *do psicoterapeuta./ O psicoterapeuta: particularidade e genericidade./ Não é o terapeuta* ***quem*** *elabora e re-elabora o cliente culturalmente.*

5. A Psicoterapia vista da Perspectiva Antropológica e Psicossocial de uma Ecologia da(s) Cultura(s).

Multiplicidade e comunidade da(s) cultura(s), ecologia cultural./ Socialização, multiplicidade e comunidade de culturas: ecologia cultural./ A perspectiva subjetiva da comunidade das culturas./ A psicoterapia vista da perspectiva antropológica e psicossocial de uma ecologia cultural./ A psicoterapia como processo de potencialização das capacidades culturativas e culturogênicas da pessoa.

6. Conclusão.

Um Príncipe Negro nas Ruas do Rio
Obá 2º, amigo de Pedro 2º, atacou o racismo e defendeu a igualdade

Eduardo Silva
Especial para a Folha

Dom Obá 2º d'África, ou melhor Cândido da Fonseca Galvão, como foi batizado, nasceu na Vila de Lençóis, no sertão da Bahia, por volta de 1845.

Filho de africanos forros, brasileiro de primeira geração, era, ao mesmo tempo, por direito de sangue, príncipe africano, neto, ao que tudo indica, do poderoso Aláafin Abiodun, o último soberano a manter unido o grande império de Oyo na segunda metade do século 18.

Príncipe guerreiro, Dom "Obá" (que quer dizer "rei" em ioruba) lutou na Guerra do Paraguai (1865-70), de onde saiu oficial honorário do Exército Brasileiro, por bravura. De volta ao país, fixou residência no Rio, onde sua posição social era, no mínimo complexa. Tido pela sociedade de bem como um homem meio amalucado, uma figura folclórica, era, ao mesmo tempo reverenciado como um príncipe real por escravos, libertos e homens livres de cor.

Amigo pessoal, uma espécie de protegido de Dom Pedro 2º, Dom Obá assumiu, nos momentos decisivos do processo de abolição progressiva, o papel histórico, até então insuspeito de elo entre as altas esferas do poder imperial e as massas populares que emergiam das relações escravistas.

Sua figura imponente de homem de 2m de altura, seus modos de soberano, como que captavam a atenção dos contemporâneos, embora poucos estivessem realmente preparados para acreditar no que viam. Um príncipe afro-baiano a perambular pelas ruas do velho Rio, barba à moda de Henrique 4º, muito bem vestido em suas "finas roupas pretas", como foi descrito, de fraque, cartola, luvas brancas, guarda-chuva, bengala, 'pince-nez' de aro de ouro.

Ou, em ocasiões mais especiais, muito ereto e importante em seu bem preservado uniforme de alferes do Exército, com seus galões e dragonas douradas, sua espada à cinta, seu chapéu armado com penachos coloridos, seu pacholismo admirável.

Dom Obá, para ser breve, defendia uma visão alternativa da sociedade e do próprio processo histórico brasileiro. Talvez pelo conteúdo mesmo de suas idéias, talvez por sua linguagem crioula, colorida com expressivas

pitadas de ioruba e mesmo latim, a verdade é que seu discurso parecia opaco, incompreensível para a elite letrada de então.

Escravos, libertos e homens livres de cor, contudo, não apenas compartilhavam de suas idéias, como contribuíam financeiramente para a publicação das mesmas e reuniam-se nas "quitandas ou em família" para ler os artigos.

O que defendia este homem e porque parecia interessar tanto seus leitores? Sendo um príncipe, era Dom Obá, ao menos teoricamente, um monarquista acima dos partidos, nem inteiramente conservador nem liberal, talvez por achá-los muito parecidos uns com os outros, inspirados apenas por interesses materiais e casuísticos.

Por essas e outras, tinha o príncipe posições políticas muito matizadas. "Por isso sou conservador para conservar o que for bom e liberal para reprimir os assassinatos que tem havido nesta atualidade a mando de certos potentosos", quer dizer "potentados", pessoas muito influentes e poderosas.

O combate ao racismo, a defesa da igualdade fundamental entre os homens, foi um dos pontos mais importantes de seu pensamento e da prática, explicava, "por Deus mandar

que quando o varão tiver valor não se olharia a cor". Contrariava não apenas concepções senhoriais, contrariava a própria ciência "fin de siècle" com suas poderosas filosofias evolucionistas e etnocêntricas.

A miscigenação brasileira, para o príncipe, nada tinha a ver com idéias evolucionistas de inevitabilidade, como pensou Nina Rodrigues; ou desejabilidade, como pensou Sílvio Romero, do "branqueamento". Tinha a ver, ao contrário, com um sentimento de igualdade fundamental entre os homens. O príncipe orgulhava-se de "preto ser" e, por não acreditar em superioridades, era "amigo dos brancos e (de) todos os varões sensatos e conhecedores (...) que o valor não está na cor".

Saída do mesmo universo cultural, uma carta de apoio ao príncipe lembra o absurdo da discriminação, "visto da preta cor ser assemelhada todas as raças".

Outra carta, em 1887, chega a formular um projeto de "enegrecimento", antes que de "embranquecimento" da nação. Para o missivista, súdito de Dom Obá, a raça negra já não era problema, mas a própria solução. Por isso apoiava a nomeação do príncipe como embaixador plenipotenciário na África Ocidental, onde prestaria relevantes

serviços, "mandando transportar colonos africanos, para nunca mais sofrer o Brasil decadência na sua exportação de fumo e café (...) e o açucar e o algodão nunca deixem de fertilizar o solo onde nascera o mesmo Príncipe Obá 2º d'África, de Abiodon neto". Também aqui a discriminação é tida por absurda, sendo, afinal, "cada qual como Deus o fez".

O próprio príncipe publica, vez por outra, poesia abolicionista e antidiscriminatória. "Não é defeito preto ser a cor/É triste pela inveja roubar-se o valor", reza uma delas. Para ele, "o certo é que o Brasil deve desistir (da) questão da cor, pois que a questão é de valor e quando o varão tiver valor não se olhará a cor".

Na verdade, para Dom Obá, não parece existir exatamente uma "questão racial", mas uma questão de cultura, de informação, de refinamento social. Daí, muitas vezes, o seu desconsolo com a pátria amada, "um país tão novo onde completamente não reina a severa civilização colimada, porque ainda há quem apure a tolice (...) do preconceito de cor".

O príncipe, como seus seguidores, chega a formulações pioneiras também no sentido da criação de uma estética autônoma, na linha do "black is beautiful" norte-americano dos anos 60.

Na verdade, segundo um de seus súditos, a raça negra não apenas era linda, era "superior do que os mais finos brilhantes".

Às vezes parece existir, no fundo, a idéia de superioridade negra. Não no sentido biológico ou intelectual, parece, mas no sentido moral, em função da vivência histórica de diáspora. Sua "humilde cor preta" era, assim, "cada qual como Deus, Maria Santíssima, virgem, sempre virgem sem ser pesada aos cofres públicos, sem ser assassina da humanidade". Tudo isso, concluía, "por preta ser a cor invejada".

---

*Eduardo Silva é Chefe do setor de história da Fundação Casa de Rui Barbosa e autor de "**Prince of the People -- The Life and Times of a Brazilian Free Man of Colour**", editora Verso (Londres).*
Publicado na ***Folha de São Paulo,*** 19.3.95. 6-8.

1. INTRODUÇÃO

Desde os seus primórdios, a atividade da psicoterapia parece seguir um desenvolvimento natural e particular, difundindo-se pelo mundo e fazendo parte naturalmente da configuração de instituições das culturas modernas.

Já a sua teorização, e a teorização de suas escolas, da qual a prática freqüentemente se afasta em termos bastante significativos -- as vezes de um modo criativo, as vezes de um modo simplesmente ridículo --, parece viver num permanente processo de crise, desde os seus primórdios. Os desenvolvimentos teóricos, por seu turno, nem sempre, acompanham, de um modo consistente, nuances efetivas dos desdobramentos da prática, afastando-se destes, freqüentemente, também, de modos bastante alienados.

Por outro lado, tanto a teoria quanto a prática da psicoterapia indicam na direção, e exigem a direção, de novos caminhos conceituais consistentes, mais consonantes com as realidades efetivamente vividas, e de novas modalidades de compreensão de seu arcabouço e processos. Os processos dos chamados *clientes*, e do chamado *psicoterapeuta*, e dos

ditos *efeitos psicoterapêuticos*. Direção esta não contemplada adequadamente, ou freqüentemente nem prevista, nos modelos conceituais tradicionais da psicoterapia.

Dentre outras possibilidades, estas indicações, na verdade, parecem denunciar, com vigor, o colapso e o potencial destrutivo de um certo paradigma de concepção da psicoterapia -- o paradigma clínico da psicoterapia, intensamente criticado por alguns psicoterapeutas de raiz fenomenológico existencial --, e apontam, de modo igualmente vigoroso, na direção de novos paradigmas.

Como já observei em outro lugar[1], não parece exagero afirmar que a concepção da psicoterapia passa por uma profunda crise paradigmática, nos modelos descritos por Khun[2]. Crise esta que se origina no, e enseja o, desenvolvimento de novas possibilidades paradigmáticas.

---

[1] FONSECA, A.H.L.,*Introdução, in* GRUPO, FUGACIDADE, RITMO E FORMA. **Processo de Grupo e Facilitação na Psicologia Humanista,** São Paulo, Summus Editorial, 1988.

[2] KHUN, T.S., A ESTRUTURA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS, São Paulo, Perspectiva, 1975.

A perspectiva sócio antropológica, ou psico-social da cultura, ou seja, a perspectiva psico-sócio-cultural de compreensão, e de explicação da psicoterapia, do cliente, do psicoterapeuta, dos processos, e dos efeitos dos processos psicoterapêuticos, destaca-se neste sentido, de um modo cada vez mais evidente.

Acredito, na verdade, que, na compreensão da psicoterapia, de seus agentes e ações, na compreensão de seus processos, e na compreensão da produção de seus efeitos, caminhamos, cada vez mais, no limite, no sentido de entender a carência e a necessidade, a riqueza da perspectiva psicossocial e antropológica de uma *Ecologia da(s) Cultura(s)*. Perspectiva apenas esboçada, mas que se revela potencialmente muito esclarecedora e produtiva.

A reflexão que se constitui neste trabalho, busca partir de uma crítica dos absurdos da concepção clínica da psicoterapia, da concepção clínica de seus processos, agentes e resultados, e desenvolver esforços na direção de uma compreensão deles a partir da perspectiva psico-sócio-antropológica da cultura, e mesmo de uma perspectiva de uma *ecologia cultural.*

2. Psicoterapia. Um Processo psico-social e Físico de Auto Elaboração e Re-elaboração Cultural do Cliente, e de constituição dele como um Produtor Cultural Efetivo.

*A definição da psicoterapia a partir de sua **interioridade./** A psicoterapia, o terapeuta e o cliente como seres culturais, institucionais, constituídos anteriormente ao arcabouço conceitual de cada escola e da própria psicoterapia./**Anterioridade** histórica e a **anterioridade** funcional./ Introdução a uma concepção da psicoterapia da perspectiva psico-sócio-antropológica da cultura./ A psicoterapia como lugar institucional continente para um certo tipo de relação e processo psico-sócio-cultural particular entre o cliente e o terapeuta./ Processo de elaboração e re-elaboração psico-fisio-sócio-cultural do cliente./ As escolas de psicoterapia como tradições culturais particulares./ Redefinindo e recontextualizado o estatuto e a concepção da psicoterapia./ Algumas pontos de vista.*

> *Quando mergulhamos em nós mesmos, não descobrimos uma personalidade autônoma, desvinculada dos momentos sociais, mas sim as marcas de sofrimento do mundo alienado.*
> (**T. Adorno**, citado por **M. Carone**)

Normalmente, se concebe e se define a psicoterapia a partir de sua própria *interioridade*. Ou seja, a partir do arcabouço conceitual de suas escolas, uma vez, em particular, que a teorização da psicoterapia como prática social genérica, é pobre e inconclusiva.

Isto significa dizer que a concepção e a compreensão não só da própria psicoterapia, como a concepção e a compreensão do cliente, do terapeuta, dos processos em que eles se engajam, e dos chamados resultados terapêuticos, dão-se a partir *desta interioridade*. Ou seja, do interior da própria perspectiva teórica e conceitual da psicoterapia e de suas escolas.

Ao lado da nossa significativa ignorância com relação à natureza efetiva da chamada terapia, de seus agentes, processos e resultados, esta perspectiva de definição e conceituação deles a partir da própria interioridade da psicoterapia configura-se como uma perspectiva narcisista de teorização. E, na verdade, uma incongruência lógica, na medida em que partes do sistema e elementos que estão sendo definidos e conceituados são utilizados para definir e conceituar *este mesmo* sistema.

Isto fez, e faz, parte das estratégias psico-sócio-culturais da psicoterapia, em particular das suas estratégias de poder, e teve, também, como tal, os seus efeitos produtivos. Na verdade, entretanto, a exclusividade deste tipo de mecanismo vai, progressivamente, perdendo a sua criatividade, a sua produtividade, e revelando-se abusiva, distorsiva e danosa.

É evidente que a psicoterapia carece, e carecerá sempre, de constituir um autoconcepção de si e de seus agentes, processos e resultados, a partir

de seu próprio arcabouço conceitual. Mas, na medida em que a psicoterapia, seus agentes processos e resultados, fazem parte da configuração de lugares e de processos da cultura, torna-se cada vez mais delirante ater-se de um modo rígido a uma autoconcepção narcisicamente constituída, a partir, meramente, da interioridade do seu próprio arcabouço conceitual.

É evidente que a compreensão da psicoterapia, de seus agentes, processos e resultados, a partir da perspectiva da psico-sócio-dinâmica da cultura, um terreno praticamente inexplorado, só pode oferecer enormes possibilidades produtivas. Em particular num momento em que os sistemas teóricos das psicoterapias revelam-se cada vez mais insuficientes para dar conta de suas especificidades e de seus desdobramentos concretos. è curioso que não se faça, ou tão pouco se faça neste sentido.

Precisamos levar conseqüentemente em conta, no desenvolvimento de nossos sistemas conceituais, a especificidade da inserção

e emergência da psicoterapia, do psicoterapeuta, do cliente, dos processos em que eles se engajam, e dos resultados desses processos, na, e da, configuração de lugares e de processos sócio psíquicos da cultura. A sua inserção e emergência na e da cultura humana genérica, e nas e das culturas específicas, particulares, em que eles se constituem e se desenvolvem como tais.

Em primeiro lugar, temos que considerar que tudo leva a crer que a atividade que se constitui como *psicoterapia*, e que constitui o terapeuta e o cliente como tais, no que pesem as suas especificidades, é um tipo de atividade que existiu e existe, sob outras formas, em outros segmentos sócio-culturais, e em outras configurações históricas. E mesmo em segmentos sócio culturais que se interpenetram com os segmentos nos quais a psicoterapia é vigente como um recurso consensual para certas situações de vida.

Basta, por exemplo, considerar o papel e os efeitos psicossociais das relações do Pai de Santo com os seus crentes, nos cultos

Afro-Brasileiros, do Padre e da confissão católicos, das atividades de aconselhamento pastoral dos ministros protestantes, de orientação espiritual dos Rabinos, ou místicos (teria o *Hassid* algo a ver com o papel do terapeuta?). Ou o papel de socialização e ressocialização de certos líderes locais de comunidades rurais.

Evidentemente, que a psicoterapia guarda uma especificidade cultural e histórica toda sua com relação a estes processos e agentes sociais. Especificidade que cada um deles igualmente preserva, respectivamente, em seus próprios sistemas, práticas e processos. Não obstante, não é difícil identificar elementos, condições, processos e resultados sócio-culturais e psicossociais análogos ou comuns a todos eles e à psicoterapia. De modo que podemos aprender muito identificando e aprendendo sobre as ***famílias de processos psico-sócio-culturais dos quais a psicoterapia faz parte***, e entendendo a pertinência da psicoterapia a estas famílias de processos psico-sócio-culturais, e a sua natureza e especificidades enquanto tal, sem que

isto signifique a perda da identidade e das especificidades da psicoterapia, mas auxiliando-a, no sentido da compreensão de sua emergência, a partir dos processos da cultura, e no sentido da superação de suas crises, e da potencialização de seus desenvolvimentos.

Permanecendo, todavia, no referencial da especificidade própria da psicoterapia, é interessante, portanto, considerar a importância, normalmente negligenciada, de suas determinações sócio-culturais e psicossociais, assim como as determinações sócio-culturais e psicossociais de seus agentes, processos e resultados.

Anteriormente, a qualquer postulação conceitual específica da psicoterapia, de seus agentes, processos e resultados -- a partir do arcabouço teórico de cada escola, ou da própria teoria geral da psicoterapia --, eles próprios existem, e desdobram-se, eminentemente, como seres, e como processos, sócio culturalmente constituídos, e sócio culturalmente determinados. Emergem são determinados e se determinam a partir da

psico-sócio dinâmica dos processos da cultura do sistema social nos quais eles existem, anteriormente a qualquer postulação teórica ou determinação técnica, e pertencem à dinâmica desses processos.

A psicoterapia, o psicoterapeuta, o cliente, são institucionalmente constituídos, são instituições das culturas das quais eles emergem e das quais eles fazem parte. Os processos da psicoterapia, de seus efeitos e resultados, são sub-processos da psico-sócio dinâmica dos processos das culturas pelas quais eles são produzidos como tais, e às quais eles produzem. Os processos em que eles se engajam como *processos psicoterapêuticos,* aí incluídos os chamados *efeitos terapêuticos,* são processos, portanto, profunda e essencial-mente determinados, constituídos e modelados pelos fatores culturais das culturas nas quais eles se inserem e das quais eles emergem.

Quando consideramos, por exemplo, que o pensamento, e mesmo o sentimento, são culturalmente condicionados, de um modo radical, em

particular a partir da linguagem, assim como os valores, as atitudes, os conhecimentos, os usos e costumes, etc., podemos entender o quanto que os agentes e processos da psicoterapia são culturalmente arraigados, anteriormente a qualquer forma de postulação ou de determinação conceitual ou técnica deles.

De modo que o terapeuta e o cliente, e os processos em que eles se engajam, estão determinados como, tais, em sua genericidade, anteriormente a sua determinação ou postulação conceitual ou técnica, por parte do sistema teórico ou técnico da psicoterapia.

Isto nos remete, radicalmente, assim, a um piso mais básico de determinação da psicoterapia, com relação aos seus sistemas teóricos. Que é o nível imanente de suas determinações sócio-culturais históricas, psicossociais. O nível imanente de determinações sócio-culturais e psicossociais da constituição de seus agentes, das relações deles, dos processos em que eles se engajam, e dos efeitos destes; anteriores a qualquer das dimensões de sua

teorização ou de suas pressuposições e determinações técnicas.

Daí que carecemos de nos centrar na clarificação da especificidade e importância deste nível de determinações psico-sócio-culturais de constituição da psicoterapia como instituição, e de constituição de cada um de seus processos particulares, agentes e resultados.

Vemos, nesta perspectiva, que a psicoterapia, num nível mais genérico, é o *espaço institucional continente* para a ocorrência, e desdobramento dinâmico, da relação particular entre *dois agentes sociais diferenciados*, e institucionalmente constituídos. O *espaço institucional continente,* igualmente, para a ocorrência e desdobramento da relação particular entre *duas pessoas*. A partir da dinâmica de interação de suas pessoalidades, em suas singularidades. E de suas pessoalidades como mediadoras da dinâmica de interação de suas respectivas determinações institucionais e de suas respectivas constituições sócio-culturais particulares.

Desta forma, a psicoterapia é um espaço institucional continente, metódico, e sistemático, para a ocorrência, desdobramento, e duração, de um certo tipo de relação, e de certos tipos de processos psicossociais particulares, entre os seus agentes, os chamados terapeuta e cliente, propiciados estes processos particulares a partir deste caráter metódico, sistemático, e do processo da duração, pontual e extensiva, de sua relação.

Um espaço, acredito, pragmaticamente constituído e modelado pela sócio-dinâmica da cultura, a partir de outros tipos de processos sócio-culturais, na medida em que obedece a fins específicos. Quais sejam os de auxílio ao cliente em situações ou padrões críticos de sua existência, e os de potencialização de seus processos de crescimento, de superação, e de resolução de suas questões existenciais.

Do ponto de vista psico-sócio-cultural do cliente, acredito que podemos dizer que a psicoterapia constitui-se como *um processo de elaboração e re-elaboração, e de constituição dele como*

um produtor cultural efetivo, ao nível microssocial de sua existência.

Neste sentido, é interessante considerar que as escolas de psicoterapia decantam e condensam, cada uma delas, dimensões particulares das grandes tradições culturais da humanidade. Dimensões estas que se articulam dinamicamente com fatores das tradições culturais locais e atuais dos sistemas sócio culturais que constituem e produzem o terapeuta e o cliente, como seres institucionais, e como pessoas

Desta forma, a psicoterapia está a exigir uma redefinição, e uma recontextualização. De sua concepção, de sua teoria e de sua prática, no sentido de uma integração efetiva nestas dos elementos mais radicais de suas determinações psico-sócio-culturais, e das determinações e constituições psico-sócio-culturais de seus agentes, determinações efetivamente ativas ao longo das nuances e sutilezas de seus processos, e dos processos da produção de seus efeitos.

Desta perspectiva, é que podemos observar o anacronismo mastodôntico, e a destrutividade, em termos culturais, e em termos existenciais -- a partir, em particular, da ética de uma filosofia da vida --, de uma concepção da psicoterapia, do psicoterapeuta, do cliente, dos processos em que eles se envolvem, e dos resultados destes, como pertinentes à esfera da *clínica.*

Um enfoque da psicoterapia, de seus agentes e processos, a partir da perspectiva de suas determinações sócio-culturais e psicossociais mais concretas, e radicais, demanda e exige -- do ponto de vista prático, do ponto de vista teórico e do ponto de vista ético -- uma redefinição e uma recontextualização dela, do cliente, do psicoterapeuta, dos processos em que eles se engajam, e dos resultados destes, conseqüentes com estas determinações.

Tal como entendemos, portanto, e tal como pode ser evidentemente entendido de uma perspectiva sócio-cultural, *a psicoterapia, seus agentes, processos e*

resultados, são, de modo mais básico e específico, do eixo da psico-sócio-dinâmica da cultura, e da produção cultural. E não da esfera da clínica. São do eixo, especificamente, da produção cultural, e com o tal devem ser basicamente entendidos e tratados.

Desta perspectiva, podemos explicitar alguns pontos que nos parecem importantes, e relacionamos a seguir:

1. *O cliente de psicoterapia caracteriza-se e define-se por ser um* ***produtor cultural em crise****, ao nível microssocial de sua existência e de sua cotidianidade.*

2. *A psicoterapia é, especificamente, um processo de elaboração e re-elaboração psico-sócio-cultural, no qual, ou com a ajuda do qual, o cliente, a partir de sua condição, pode constituir-se e reconstituir-se como um* ***produtor cultural efetivo,*** *ao nível microssocial de sua existência e de sua vida cotidiana.*

3. *O psicoterapeuta é um parceiro, em termos pessoais e em termos institucionalmente específicos e definidos, de* ***co-laboração*** *no processo de auto-elaboração e re-elaboração cultural do cliente, ao longo de sua relação metódica e sistemática com ele, no âmbito do espaço institucional da psicoterapia. O terapeuta oferece-se à relação metódica e sistemática com o cliente, a partir de seu status e condição institucional de "psicoterapeuta" -- em um primeiro nível --, e a partir de sua constituição, sedimentação, ressonâncias e dominâncias culturais particulares, elaboradas ao longo de seu desenvolvimento, e em processo de devir.*

4. *Em seus níveis mais básicos, a psicoterapia se configura como a interação psico-sócio-dinâmica entre o cliente e o psicoterapeuta, como pessoas, a partir de suas constituições sócio-culturais particulares, e a partir das definições sócio-culturais de suas determinações institucionais.*

3. O Cliente, um Produtor Cultural em Crise, ao Nível Microssocial de sua Existência.

Quem é o cliente da psicoterapia./ O dito cliente e as implicações de uma definição a partir da clínica./ Psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, e o desmonte da ***concepção clínica do cliente****./ Socialização, cultura e crise./ Um produtor cultural em crise./ Crise cultural, crise existencial /Produtor cultural incompetente, produtor cultural efetivo./ Efeitos psicoterapêuticos./ O cliente,* ***culturativo e culturogênico./*** *O carecimento de elaboração e re-elaboração cultural e os efeitos do processo psicoterapêutico.*

Veja o meu caso. Eu nasci filho de índia com um paulista. Meu nome índio é guarani pela amizade de minha mãe com uma guarani. Meu lado índio só pensa em fogo, água e mato. Meu lado branco vai morrer sem entender o lado índio.
(João Maria Tapixi Rodrigues, índio Caingagues. *Folha de São Paulo* 08.7.96. *p.* 1-8.).

QUEM É O CLIENTE DA PSICOTERAPIA? IMPLICAÇÕES DE UMA DEFINIÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA CLÍNICA.

Quem é o cliente de psicoterapia? O que o constitui como tal?

A resposta parece um tanto quanto óbvia, ainda que traia sempre um certo automatismo mecanicista, apressado e suspeito. Na verdade, a suspeição e a inconsistência crescem

sempre, à medida que buscamos superar esta "obviedade" automática e mecânica.

Num nível mais primitivo, mas bastante arraigado e pertinaz, a resposta tem sido tradicionalmente oferecida a partir da perspectiva da *clínica*, ainda que, freqüentemente, de um modo mais ou menos encabulado e/ou dissimulado, mais modernamente. Isto para não falarmos de respostas oferecidas a partir de uma perspectiva religiosa, ou para-religiosa, que já se situa, pelo menos historicamente, fora do âmbito específico da psicoterapia.

Mais recentemente, surgiram respostas para a questão sobre o que é o cliente da psicoterapia, sobre o que o constitui como tal, a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial. É, sem dúvida, uma mudança qualitativa apreciável, este salto, de uma resposta a partir da equívoca e danosa perspectiva dogmática da clínica, para uma tentativa de resposta a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial.

Esta perspectiva existencial, entretanto, tende a ser insuficiente, e até

a distorcer-se, na medida em que não se apreende nela, e não se considera adequadamente, a importância especifica da *dimensão sócio-cultural* da existência. E, por implicação, a importância específica da dimensão especificamente sócio-cultural da psicoterapia, de seus agentes, processos e resultados. E o cliente é, reificadamente, entendido como uma existência monadicamente individualizada.

Quanto à equívoca e danosa perspectiva reducionista da concepção clínica do cliente da psicoterapia, e da própria psicoterapia, sabemos que o tempo desevela o seu absurdo, apesar de sua persistência.

Constituir o drama, as dificuldades existenciais do cliente, e as implicações psicológicas e emocionais destes, numa questão de *clínica*, apesar de usual, não é uma operação isenta do ponto de vista ético de uma filosofia da vida. Sabemos, hoje em dia, que se trata de uma violenta operação de destruição, ainda que esta destruição se situe, *inicialmente*, no nível do que Berger e

Luckmann[3] primorosamente chamam de ***aniquilação conceitual.***

"Inicialmente" apenas, é bom que se frise. Porque esta conversão, este momento inicial de aniquilação conceitual, é, na verdade, o ponto de partida de todo um processo que, partindo do conceitual, desdobrar-se-á como um processo de destruição psicológica, psicossocial, social e, no seu limite, de destruição física, do chamado cliente. Em particular, por que autoriza e resulta no desencadeamento, por parte dos sistemas sociais do qual ele e terapeuta fazem parte, de comportamentos destrutivos, em todos estes níveis. Configurar-se basicamente, em particular, como um golpe violentíssimo em sua auto-imagem, em sua autoconfiança, em sua esperança e poderes de superação de suas humanas e culturalmente críticas situações limites, ao lado da pressão no sentido de todo um processo degenerativo de sua imagem social.

---

[3]BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas, CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE, Rio, Vozes, 1975.

Todo o espectro deste processo destrutivo é solidário e integrado em si, e solidário com a rotineira operação de ***conversão*** do drama, das questões e dificuldades existenciais, e culturais, do cliente, e suas implicações, em questões *clínicas* de *doença*.

Esta concepção do cliente a partir da clínica, ainda que pertinaz, revela cada vez mais o seu absurdo, como dissemos, absurdo que é explicitado, inclusive, por muitos Psiquiatras lúcidos. De modo que, mesmo resistente esta concepção, ela está em crise, e aponta o fim de seu tempo.

Desde há algum tempo já a psicologia e a psicoterapia fenomenológico existencial, através dos trabalhos de profissionais como R. D. Laing, D. Cooper, C. R. Rogers, F. Perls, J. L. Moreno, R. May, G. Bateson, A. Maslow, L. Binswanger, M. Boss, e outros, têm se contraposto a esta perspectiva de concepção do cliente a partir da perspectiva da clínica. O trabalho deles é brilhante e

revolucionário. Colaborou significativamente no sentido do desmonte da concepção clínica em psicoterapia, e está, ainda, por oferecer os seus melhores frutos e resultados. Exige, todavia, seqüência e conseqüência, das novas gerações. Diante, em particular, dos desafios que suas implicações suscitam.

Mesmo nesta perspectiva da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial, entretanto, a perspectiva clínica ainda perdura freqüentemente, ainda que eventualmente de formas dissimuladas. Tanto é que se chega a cogitar, no seu âmbito, a recuperação do *diagnóstico* como instrumento da psicoterapia, postulando-se, desta forma, uma retroação a momentos seus superados desde os anos cinqüenta e sessenta.

Isto parece ocorrer porque não radicalizamos no sentido das conquistas efetivamente realizadas pela psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial, e pela revolução operada pelo Existencialismo e pela Fenomenologia, no âmbito das ciências humanas e da

cultura, desde, por exemplo, Nietzsche, Brentano e Dilthey.

Em primeiríssimo lugar, esta radicalização parece significar o abandono do "porto seguro" da clínica, em termos da chamada psicoterapia, e o navegar no sentido de outras perspectivas, e no sentido da clarificação de sua efetiva natureza, a partir de uma concepção ampla e honesta de sua prática concreta.

UM PRODUTOR CULTURAL EM CRISE. CRISE CULTURAL, CRISE EXISTENCIAL.

Um desafio importante neste sentido -- no sentido desta seqüência, e conseqüência, do trabalho da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial; no sentido da superação de uma concepção *clínica* da psicoterapia, de seus processos e resultados, da superação de uma concepção *clínica* do chamado cliente, e do chamado terapeuta -- diz respeito, a meu ver, a um aprofundamento da compreensão deles ***a***

partir da perspectiva da cultura e da produção cultural. Desde as dimensões mais genéricas da cultura, até as suas dimensões mais específicas e particulares.

Quando falamos de ***Produção Cultural***, remetemo-nos, normalmente, ao nível dos objetos, ou ao nível da arte, ou ao nível dos grandes sistemas de objetivação da cultura. Nós psicólogos e psicoterapeutas, entretanto, e em particular, não podemos negligenciar, ou deixar de adequadamente valorizar, o fato de que o nível mais fundamental da ***produção cultural*** é, especificamente, o nível da "produção" das pessoas. O nível da produção cultural no qual a cultura se constitui, e se reproduz, nas determinações culturais da constituição das pessoas, de suas vidas, existências, crises e questões existenciais. Ou seja, o nível mais básico da produção cultural é, exatamente, ***o nível da produção das pessoas como produtos e produtores culturais, o nível da produção da pessoa como produto e como produtor cultural.***

Este nível da produção cultural é certamente um nível

fundamental, não só para a compreensão da cultura, como para a compreensão, em especial, da pessoa, e para a compreensão da psicoterapia, de sua prática, de seus agentes – terapeuta e cliente --, processos e resultados.

A configuração cultural na qual a pessoa nasce, cresce, desenvolve-se e vive constitui-se como uma segunda natureza (Agnes Heller), que se amalgama, necessária e indissociável-mente, com o que poderíamos entender como a "primeira" natureza de sua herança biologicamente genética.

Numa perspectiva muito importante, este processo incontornável de constituição da pessoa como produto e produtora cultural, os acidentes, dificuldades, distorções particulares e genéricas dele, parecem responder por dimensões importantes do processo de constituição do cliente como tal.

Em particular, quando concedêramos o crescimento e o desenvolvimento cultural da pessoa no âmbito das intersecções, das interfaces, de configurações de determinações

culturais tensionadas, conflitivas, contraditórias e antinômicas, como freqüentemente ocorre.

Sabemos, assim, que socialização e aculturação são em maior ou em menor intensidade, ainda que sempre, em algum nível, processos que têm as suas dificuldades, conflitos e acidentes para a pessoa particular. Dificuldades, conflitos e acidentes que, não raro, configuram-se como críticos, ou que se constituem como cronicamente críticos, e estruturais. Como áreas estrutural e cronicamente críticas, na constituição da pessoa, e de seu campo de relações.

Em especial, quando concedêramos que os sistemas sociais, em particular os sistemas sociais urbanos, constituem-se como articulação, interfaces, e diferenciações, de múltiplas determinações culturais significativas, e conflitivas. Representantes, cada um delas, de diferentes configurações sócio culturais, definidas cada uma delas a partir de distintas determinações históricas, econômicas, étnicas, nacionais, regionais, religiosas, raciais,

políticas, etc. E que incidem, em toda a sua carga de ambigüidade e caráter conflitivo, sobre o processo de constituição, de formação e de desenvolvimento da pessoa particular, de suas condições de vida, de sua vida, e de seu ambiente social e físico.

É verdade que toda esta diversidade articula-se numa, e constitui uma, 'cultura de interface' e generalizadora, a que podemos nos referir como *cultura urbana*, cultura *burguesa*, *modernidade*... Esta, entretanto, não extingue, pelo menos de imediato, e no caso de algumas jamais, o peso e o conflito de contraditórias determinações culturais particulares. Inclusive, e em especial, o conflito particular de cada uma das determinações culturais particulares com esta mesma 'cultura urbana de interface'.

De modo que as pessoas têm que se socializar a partir de imposições, necessidades, e demandas, constituídas por núcleos sócio-culturais distintos, e em conflito -- eventualmente conflito grave --, desde a mais tenra infância. Aspirando, por outro lado, a constituir-

se, igualmente, como ser genérico da cultura de interface que medeia as relações do conjunto da comunidade de sistemas culturais de que participa. O que significa, freqüentemente, distanciar-se de suas determinações culturais mais ancestrais. Processo que, por si só, já gera inúmeras tensões, acidentes e conflitos significativos.

No processo de seu desenvolvimento, o indivíduo desloca-se, freqüentemente, em particular entre nós, da cultura *comunitária* particular do seus sistema sócio-cultural de tradicional de origem, na direção da cultura *individualista* do mundo burguês e urbano. Só este processo representa uma série de *trans-form-ações*, crises e dificuldades sócio culturais que constituem-no facilmente como cliente de psicoterapia, carente de constituir-se e re-constituir-se como um produtor cultural efetivo, no âmbito de novas configurações culturais, a partir de suas heranças culturais, e dos repertórios e desafios que os novos contextos sócio-culturais lhe impõem.

A socialização e o desenvolvimento da pessoa nessas condições é mais ou menos problemática. Mas é sempre problemática e difícil.

O desenvolvimento cultural da pessoa, que lhe permitirá constituir-se no seu meio original, e/ou em outros, e efetivar as suas capacidades para manipulá-los, e transformá-los, no sentido da criação das condições para a satisfação, e produção, de suas necessidades, o desenvolvimento da pessoa, pode ser significativamente perturbado e distorcido, a ponto de constituí-lo, no limite, como ***um produtor cultural em crise.*** Globalmente em sua existência, ou em aspectos particulares desta.

Isto significa dizer que se quedam prejudicadas para ela as suas condições culturais, e de produção cultural, indissociáveis da sua existência, indissociáveis de suas condições e capacidades para o afrontamento e enfrentamento das dificuldades de seu

crescimento, de suas crises e questões existenciais.

Queda-se prejudicada a sua capacidade e as suas possibilidades de se apropriar e de utilizar, de um modo efetivo, as objetivações cotidianas, as linguagens, os objetos, os usos, e as objetivações não cotidianas -- em suas especificidades e sutilezas próprias -- da comunidade de sistemas culturais em que sobrevive e vive cotidianamente. Onde atualiza as suas capacidades e sentidos, no processo de constituição dos objetos de satisfação de suas necessidades, e de produção e reprodução delas.

Queda-se prejudicada, no limite, a sua capacidade de auto-criação, de auto-recriação e de crescimento, no processo de integração de suas culturas, e de suas relações com o seu meio, de criação e de recriação dele.

É esta condição cultural de crise, mais ou menos abrangente, mais ou menos crônica, é ***a pessoa como um produtor cultural em crise***, que a constitui -- de uma perspectiva cultural -- , como cliente de psicoterapia. Que

constitui, como tal, *o cliente* da psicoterapia.

Esta condição de *crise cultural* -- mais ou menos abrangente e crônica, ou reagudizada em momentos ou questões decisivos da vida da pessoa -- tem, naturalmente, toda a sua implicação na vida dela como *crise existencial*, mais ou menos crônica -- ou mais ou menos reagudizada periodicamente --, com todo o seu séqüito de sintomas de ansiedade ou de depressão, ou outros distúrbios típicos do cliente, em função dos perigos e frustrações que ela potencializa na vida dele, e com as dificuldades que representa para o seu crescimento, para a sua auto-imagem, para o seu processo de ajustamento criativo com o seu meio, e para a sua realização e gratificação pessoais.

O processo da psicoterapia partirá desta condição do cliente, de insatisfação, de frustração, de sensação de perigo, de impotência, de falência de suas capacidades para manipular ou para

movimentar-se em seu mundo, de ansiedade e/ou depressão, mais ou menos crônicos, de distúrbio mental, ou comportamental. E direcionar-se-á, progressivamente, no substrato de um processo micro-sócio-cultural, específico, sistemático e metódico, de interação entre ele e o terapeuta -- como instituições sociais, e como pessoas, seres culturais --, no seio desta instituição cultural da psicoterapia.

Processo que terminará por configurar-se, na prática, como fator relevante de um processo de elaboração e de re-elaboração cultural do cliente, no sentido da constituição e reconstituição dele como um produtor cultural efetivo, no âmbito da configuração cultural em que ele sobrevive e vive.

Existem os casos que a condição do cliente não tem uma gênese tão típica e evidente em tensões, dificuldades e conflitos culturais. Estes casos, entretanto, têm sempre, também, os fatores culturais estruturais como determinantes básicos. Seja do processo de sua constituição, seja dos processos de interação entre o cliente e o terapeuta,

seja dos resultados de que o cliente carece. São estes, por exemplo, os casos da ausência de, ou de conflito grave com, um dos pais no desenvolvimento da pessoa, os casos de perda abrupta de pessoa significativa, os casos de separações, de mutilações físicas, ou psicológica, de morte iminente, e outros, que demandam e exigem sempre todo um processo elaboração e re-elaboração cultural de si por parte do cliente

Assim sendo, um *produtor cultural em crise, incompetente, a seu critério,* ao nível micro-social de sua existência, socializou-se/foi socializado de um modo tal que tende a ser incapaz, impotente, inábil, a seu próprio critério, para a criação, em sua vida cotidiana, das condições para a auto-atualização de suas potencialidades, capacidades e sentidos, e para a satisfação e elaboração multi-facetária de suas necessidades, e dos objetos de satisfação destas.

Isto o induz a um estado crônico de frustração, perigo e

impotência[4]. a uma constante exposição improdutiva ao risco de fracasso nas atividades de sua existência, em especial as mais críticas. A um embotamento de suas potencialidades, capacidades e sentidos, e a um embotamento do processo de elaboração, re elaboração de suas necessidades e dos objetos de satisfação delas.

A *duração* desta condição leva a pessoa particular a um estado de crise existencial mais ou menos crônica, re agudizada, eventual ou periodicamente -- em particular quando ela se vê obrigada a se defrontar com situações críticas de vida, que exigem de suas capacidades, necessidades, potenciais, e sentidos, respostas criativamente produtivas.

A condição crônica de frustração, de perigo, de impotência, de incapacidade para crescer, ou a reagudização desta condição, em

---

[4] Tal como o definem PERLS, F, GOODMANN, P. E HEFFERLINE, R. em GESTALTHERAPY, EXCITMENT AND GROWTH IN HUMAN PERSONALITY. NY, Penguin, 1969.

situações problemáticas particulares, termina por levar a pessoa à psicoterapia, e constituí-la como cliente, sob o influxo forte de uma experiência de insatisfação, ou, freqüentemente, sob a impressão de uma falência de suas condições existenciais, ou, imersa simplesmente em uma crise aguda de ansiedade, ou de depressão, revestida das formas de uma crise existencial.

EFEITOS PSICOTERAPÊUTICOS

Os chamados *efeitos psico-terapêuticos* desenvolver-se-ão sempre, e traduzir-se-ão sempre, em termos psicossociais, de cunho cultural mais ou menos marcado, mas sempre de cunho cultural. Dirão respeito às transformações ao nível dos conhecimentos significativos do cliente, e de sua capacidade de aprender significativamente na cotidianidade de sua existência. Dirão respeito, em particular, às capacidades do cliente de agir, de atualizar possibilidades plasmadoras das condições de sua existência. Dirão respeito às

transformações de seus valores, e das configurações de atitudes deles decorrentes. Dirão respeito às transformações de sua capacidade de utilização de objetos e recursos de seu mundo, e de desenvolvimento de novas modalidades de habilidades, mais sintônicas com as suas necessidades atuais. Dirão respeito às transformações de suas linguagens e ao desenvolvimento criativo delas. Ao desenvolvimento de sua capacidade para o desfrute e vivência de seu corpo, e para a potencialização de suas ações e possibilidades corporais. Dirão respeito a suas capacidades no sentido da apropriação e da recriação da esfera das objetivações cotidianas de sua vida, e da sua relação com a esfera das objetivações não cotidianas.

A relação com o psicoterapeuta, e o processo da terapia, se configuram, progressivamente, como momento experimental relevante e intenso desta reciclagem, deste processo de elaboração e re-elaboração cultural do cliente. Momento que o cliente vivenciará periódica e metodicamente, em sua cotidianidade.

O processo da psicoterapia constitui-se, desta forma, como uma dimensão importante de todo o processo de auto-criação e re-criação cultural do cliente. Vale dizer: de todo um processo de potencialização e de efetivação de suas capacidades de criação e de recriação de si próprio e de seu mundo, a partir dos recursos culturais deste mundo, e dos recursos culturais constituídos na formação cultural do próprio cliente. A partir, em especial, de suas capacidades ontologicamente humanas -- capacidades culturativas e culturogênicas --, de suas necessidades e sentidos.

Porque, efetivamente, em particular, não é, em momento algum, ***o*** terapeuta ***quem*** elabora e re-elabora o cliente culturalmente, ao modo da relação de um sujeito com um objeto.

Em primeiro lugar, é necessário considerar que esta relação entre o terapeuta e o cliente, é intersubjetiva e fenomenal, é transacional. Ao psicoterapeuta cumpre assimilar a constatação de Husserl e respeitar a alteridade autônoma da pessoa

do cliente: "*O outro é um foco autônomo de produção de sentido*".

A relação entre o terapeuta e o cliente está -- em particular, em sua globalidade, sentidos íntimos, e interesses intrínsecos e significativos, para o cliente -- fora do controle do terapeuta. As necessidades mais básicas do cliente com relação ao processo psicoterapêutico, os sentidos e os efeitos, para o cliente, desse processo estão fora do controle consciente e voluntário do terapeuta e, freqüentemente, dele próprio, cliente.

Daí a necessidade de uma relativização da importância do nível técnico da psicoterapia, do nível de aplicação técnica de uma certa abordagem, por parte do terapeuta -- se quisermos valorizar estes níveis ontologicamente sócio culturais e inter humanos mais básicos da relação. E a necessidade de uma entrega ao fluxo da espontaneidade da relação, e da entrega do terapeuta ao fluxo de sua própria espontaneidade criativa, no âmbito de sua relação com o cliente.

cumpre observar, que quanto maiores os carecimentos do cliente de um processo de elaboração e re-elaboração cultural maiores as possibilidades produtivas do processo psicoterapêutico. Assegurada, evidentemente, a com-petência necessária do terapeuta para participar desse processo.

4. O Psicoterapeuta.

*A instituição **psicoterapeuta**./ A constituição cultural pessoal do psico-terapeuta./ O terapeuta como um ser cultural da cultura de sua escola de psicoterapia./ A **formação** do psicoterapeuta/ O psicoterapeuta, particularidade e genericidade./Não é o terapeuta **quem** elabora e re-elabora o cliente culturalmente.*

> “Ninguém encontrará pessoas estudando-as como se fossem apenas objetos”.
> (**R D Laing**)

As psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais realizaram um progresso marcante quando desistiram de pensar o psicoterapeuta como um especialista, que intervém sobre um *paciente*, e modifica-o desta ou daquela forma, a partir de sua intervenção. E passaram a pensá-lo como uma pessoa que interage com outra pessoa. E que as suas habilidades terapêuticas têm muito mais a ver com capacidades humanas, do que com habilidades técnicas. Isto sem prejuízo de sua condição e atuação institucional – que se configuram mais propriamente como o “piso”, e não como o “teto” de sua atividade, no âmbito da relação com o cliente .Acredito que não seria nada exagerado marcar este ponto como um ponto de transição, um dos vários, talvez, entre a pré-história e a história da psicoterapia e da psicologia.

Esta perspectiva, ainda que tenha o mérito de considerar, e valorizar, a singularidade absoluta da pessoa do terapeuta -- e da pessoa do cliente --, tende a perder a sua efetividade, e a distorcer-se, na medida em que as "pessoas" em questão, e, por implicação, a sua relação, são reificadas, são restritas a sua individualidade objetivista, e amputadas de suas determinações não objetivas, em particular de suas determinações culturais, sejam elas as determinações culturais genéricas, ou as determinações culturais mais particulares.

Esta amputação, e distorção, talvez em função da influência de certas particularidades pragmático objetivistas da Cultura Norte Americana, tende a ser até obsessiva em certas áreas das Psicologias Humanistas, que assumem que a mera manifestação da condição da terapêutica da *Consideração Positiva Incondicional,* e de outras *Condições Terapêuticas,* seriam suficientes no trato com o cliente.

Lembro de Anh Tothi, uma simpática senhora, psicoterapeuta centra-

la na pessoa, Vietnamita, da Cidade de Ho Chi Minh, amiga pessoal de Carl Rogers, no Forum Internacional da ACP, em Terschelling, na Holanda, em 1992. Discutíamos, num grupo, as questões culturais da psicoterapia e da psicologia, e eu dizia que considerava que *cerca de setenta e cinco por cento* dos processos e resultados da psicoterapia deviam-se a processos sócio culturais básicos, decorrentes de fatores culturais imanentes às pessoas do terapeuta e do cliente, e à relação psico-sócio-cultural que se desencadeava e desenvolvia entre eles, a partir destes fatores, e que não estavam tematizados pelas teorias e métodos das escolas de psicoterapia.

Junto com alguns outros colegas, em particular um colega britânico, londrino, Ahn, delicadamente, como é o estilo tradicional dos Vietnamitas, considerou exagerada a cifra da minha estimativa. "'Setenta e cinco por cento', era muito". Continuei expondo algumas idéias e pontos de vista, e a discussão rolando. Já próximo do final, Ahn pediu a palavra, Desculpou-se, agradeceu-me, e disse,

delicada e suavemente, algo mais ou menos assim:

> *considerando as características de meu povo, a nossa fisionomia, o nosso jeito de pensar e agir, de fato eu acho que setenta e cinco por cento é pouco. Na verdade, podemos considerar oitenta e cinco, noventa e cinco por cento.*

Aquilo me fez um bem enorme...

O PSICOTERAPEUTA COMO INSTIUIÇÃO

Acredito ser fundamental considerar, na reflexão sobre a psicoterapia, a condição específica do psicoterapeuta, e da psicoterapia, como instituições sócio-culturais particulares, e a importância específica desta condição na emergência, desdobramentos e produção de efeitos do processo

psicoterapêutico. Em particular, a importância, para o cliente, do relacionamento com este nível institucional do processo.

Sabemos da importância da boa estruturação desta dimensão da relação institucional entre o terapeuta e o cliente, para o bom andamento do processo terapêutico. O terapeuta não se relaciona com o cliente *apenas como pessoa*. O cliente procura o terapeuta, e a ele vincula-se em uma relação terapêutica, a partir de condições institucionais dele: a partir de seus credenciamentos institucionais, de sua reputação no sistema social em que ambos vivem, etc. Estabelece com ele um vínculo profissional, dentro dos limites do qual pode desenvolver-se a relação psicoterapeutica entre eles, o que envolve os níveis mais íntimos da pessoalidade do cliente.

Este vínculo institucional profissional protege o terapeuta de invasões a sua privacidade por parte dos clientes, e garante as condições básicas do processo da terapia, ao mesmo tempo em que protege a privacidade do cliente

de invasões ou inconfidências por parte do terapeuta.

Estas dimensões, de vínculos culturais institucionais entre psicoterapeuta e o cliente, são normalmente considerados como exteriores ao processo da terapia propriamente dita. Não podemos deixar de considerar, entretanto, a importância específica destes vínculos institucionais entre o terapeuta e o cliente -- a partir da condição institucional do terapeuta -- na produção de certos efeitos psico-dinâmicos importantes. Reconhecíveis, normalmente, como do âmbito dos *efeitos psicoterapêuticos,* ou de pré-requisitos destes.

Basta considerar, por exemplo, que certos clientes buscam a psicoterapia por que se sentem, ou efetivamente estão sendo, progressiva-mente excluídos ou expulsos, no seu micro-meio, da ordem social da cultura em que vivem. A psicoterapia, nesses casos, é *um lugar* da ordem social da cultura que, por princípio, especializa-se em receber e aceitar esta pessoa, no seu seio. Segundo os princípios de uma

tolerância *anômala* para os padrões vigentes na ordem social da cultura da qual a pessoa sente-se, ou efetivamente está, sendo expulsa.

De modo que, através da relação psicoterapeutica, a pessoa obtém uma *vinculação de emergência*, digamos, vinculação social e poderosamente validada, à ordem social da cultura. O psicoterapeuta, freqüentemente, é esta figura especializada da cultura, da configuração das instituições -- não só tecnicamente, mas institucionalmente, filosoficamente, psicossocialmente --, que busca a constituição de um vínculo social institucional com a pessoa -- no caso cliente --, quando, nessas condições, ela sente fracassarem progressivamente as suas outras vinculações, e a sua própria capacidade de vincular-se.

Quantas pessoas, clientes, não tiveram, e tem, neste tipo de vinculação a sua possibilidade circunstancial mais significativa de pertinência social, como alternativa ao mergulho no precipício da vivência da exclusão psicossocial.

A partir desta vinculação, um tal cliente pode se potencializar para reorganizar progressivamente os seus vínculos sociais, e mesmo para reorganizar a sua capacidade de constituí-los. Não raro, depois de um longo período de suporte, mais ou menos significativo e necessário, por este tipo de vinculação.

Não podemos negar, ou subvalorizar, a importância específica das capacidades e características pessoais e culturais do psicoterapeuta enquanto pessoa no desenvolvimento da vinculação desta ordem. Mas a especificidade, e o impacto psicológico específico de sua condição institucional, e a sua habilidade de lidar com esta especificidade e com este impacto, e de usá-los, são fatores fundamentais no desenvolvimento de um processo produtivo.

São fatores do processo psicoterapêutico que ressaltam a importância da condição institucional da psicoterapia e do papel do terapeuta, e de sua habilidade de manejá-los, no

desenvolvimento de um processo psicoterapêutico produtivo.

Não advêm, originalmente e em sua essência, de uma habilidade técnica específica do terapeuta, mas advêm mais especificamente de sua condição institucional, e dos efeitos psicossociais desta condição.

A CONSTITUIÇÃO CULTURAL PESSOAL DO TERAPEUTA.

Por outro lado, sabemos que esta dimensão institucional é apenas uma das dimensões do ser do terapeuta enquanto tal.

Indissociável desta sua condição institucional, desdobra-se dinamicamente, na sua relação com o cliente, a sua *pessoalidade.* Fonte, importante e fundamental, de criatividade e de originalidade no processo psicoterapêutico. Capacidade de aceitação e de compreensão do cliente em sua singularidade dinâmica, na singularidade de seu momento de vida, e na atualidade pontual de seu momento vivido.

Somos ingênuos, todavia, quando pensamos que esta pessoalidade do terapeuta restringe-se a sua individualidade objetiva. E não apreendemos, esquecemos ou negamos, que esta pessoalidade, assim como a

pessoalidade do cliente, se constitui, indissociavelmente, como particularização, também, de fatores culturais. Fatores que, ainda que assim particularizados nas pessoas, transcendem ao nível da mera pessoalidade individual, uma vez que radicam nos sistemas sócio culturais de que o terapeuta, e o cliente, participam.

De modo que não podemos deixar de entender o psicoterapeuta, em sua pessoalidade, como integração dinâmica, também, de fatores individuais e de fatores transindividuais. Fatores transindividuais estes constituídos pelos sistemas sócio culturais de que ele participa, e pela dinâmica dos devires destes.

A relação do psicoterapeuta com o cliente envolve, pois, um nível institucional e um nível pessoal. Configurando-se este nível pessoal a partir da relação interpessoal particular entre o terapeuta e o cliente.

Nesta relação, além da interação de individualidades, interagem dinamicamente os fatores

transindividuais, psico-sócio-culturais, da pessoalidade do terapeuta com os respectivos fatores da pessoalidade do cliente.

Acredito que estes níveis da interação entre o terapeuta e o cliente, em sua esfera especificamente psico-sócio-cultural, respondem pela constituição de níveis fundamentais, e críticos, e dos mais sutis e produtivos, do que entende-los como *efeitos psicoterapêuticos*.

Desta maneira, não podemos deixar de entender que a constituição cultural pessoal do terapeuta, em relação à mesma constituição do cliente, é um fator fundamental do processo psicoterapêutico, e da determinação de seus efeitos.

O TERAPEUTA COMO UM SER DA CULTURA DE SUA ESCOLA DE PSICOTERAPIA.

Ao considerarmos a constituição cultural do psicoterapeuta, é interessante levarmos em conta que esta constituição tem uma particularidade: o terapeuta foi, particular e diferenciadamente, aculturado na "cultura" de sua escola de psicoterapia.

As escolas de psicoterapia privilegiam e concentram perspectivas e posturas particulares das grandes tradições culturais da humanidade.

Cada uma delas constitui-se especificamente a partir desta concentração de perspectivas culturais, como uma certa tradição cultural.

Assim, ao lado de sua constituição cultural pessoal, desenvolvida ao longo de sua vida, e certamente por causa dela, o terapeuta integra e elabora em si as perspectivas e

posturas “culturais” de uma certa escola de psicoterapia. Constituídas nele a partir do processo de sua formação como psicoterapeuta. E orienta, a partir dela, o seu desempenho profissional.

As tradições culturais da história da humanidade que se concentram nas perspectivas conceituais e metodológicas da Psicanálise, por exemplo, não são as mesmas que se concentram nas perspectivas e posturas básicas das linhas fenomenológico existenciais de psicologia e de psicoterapia. Da mesma forma que não o são as perspectivas e posturas das linhas comportamentais.

Vive la diférance.

Acredito que não podemos considerar estas questões de um ponto de vista maniqueísta, mas certamente temos muito a lucrar com uma sociologia e com um estudo antropológico e filosófico, inclusive axiológico, dos fundamentos das várias e de cada uma das escolas de psicoterapia.

A *FORMAÇÃO* DO PSICOTERAPEUTA

Ao considerarmos a psicoterapia, o psicoterapeuta, e o seu desempenho, à luz destes fatores psico-sócio-culturais, é interessante refletir adequadamente sobre o que ***é***, efetiva-mente, a *formação* do psicoterapeuta. Refletir sobre quais são as implicações dessas perspectivas para a concepção e para a prática da formação do psicoterapeuta.

Em primeiro lugar, é interessante considerar que fatores importantes de sua formação, fatores de uma importância decisiva na constituição dos processos psicoterapêuticos nos quais ele se envolverá, ele os obtém e desenvolve anterior e independentemente de sua *formação especializada*.

Anteriormente à sua freqüência a qualquer curso especializado de formação em psicoterapia, anterior-mente ao seu curso de psicologia ou de medicina. São os fatores ligados à aquisição e ao desenvolvimento de sua constituição

cultural pessoal particular. Os fatores ligados ao seu desenvolvimento como pessoa, ser cultural. São fatores que haverão de interagir dinamicamente com as constituições culturais de seus clientes, anteriormente e a revelia de qualquer pressuposto ou determinação técnica ou conceitual, determinando fundamentalmente os seus rumos, a qualidade de seus processos, e os seus resultados.

Estes fatores, portanto, carecem de ser considerados nos programas formais e de desenvolvimento de psicoterapeutas. Carecem de uma consideração que contemple a complexidade, a importância, a sutileza e a delicadeza deles, e da participação deles nos processos da psicoterapia.

Precisamos, inclusive, desenvolver posturas e critérios éticos e filosóficos para lidar com estes fatores na formação dos psicoterapeutas. Em particular, porque a multiplicidade de formações e de configurações culturais dos terapeutas são importantes, em suas especificidades particulares. Como possibilidades de ressonância, e de

articulações produtivas com as múltiplas formações culturais dos clientes, em sua diversidade e em suas especificidades.

Por outro lado, os programas formais de formação de psicoterapeutas carecem de novas modalidades de compreensão de sua natureza. Modalidades que superem a uma compreensão deles meramente como programas de formação técnica e teórica, ou mesmo filosófica. Para entendê-los, também, como programas de aculturação, e de desenvolvimento dos formandos nas várias perspectivas, posturas, valores, atitudes, conhecimentos e técnicas da cultura da escola de psicoterapia em questão. Em particular, os programas carecem de ser entendidos, também, numa perspectiva psico-sócio dinâmica da interação entre seres culturais formados, ou em processo de formação, formandos, e professores, submetidos aos fluxos e refluxos dos devires de suas determinações sócio culturais.

TERAPEUTA, PARTICULARIDADE CULTURAL E GENERICIDADE HUMANA

Uma das capacidades mais fundamentais de um psicoterapeuta -- a par da afirmação da configuração de sua própria constituição cultural e, em particular diante do acima exposto --, é a sua capacidade para assumir naturalmente e transitar pela perspectiva da *genericidade humana*. Do *humano genérico*, que é dimensão constituinte de toda pessoa.

Em particular, uma atitude, honestamente assumida e prática, de respeito e de valorização das perspectivas culturais e dos devires das perspectivas culturais dos seus clientes. Conseqüência de uma postura desenvolvida e consciente de respeito e de valorização da cultura alteritária das outras pessoas em suas especificidades próprias.

Como qualquer pessoa, o terapeuta carece naturalmente de assumir e afirmar a perspectiva de suas próprias configurações culturais. Ele não poderia

prescindir disto, nem isto seria possível, ou necessário. Na verdade seria improdutivo e danoso. Em particular, na medida em que é, exatamente, a riqueza da sua própria configuração e ressonâncias culturais que se constitui como um dos recursos fundamentais de sua participação no chamado processo psicoterapêutico. Astúcia e hipocrisia fazem com que certas pessoas camuflem e escondam suas próprias características culturais. Que camuflem e escondam, em particular os seus preconceitos. Desnecessário dizer que na constituição de uma relação improdutiva e danosa.

O que o terapeuta como tal não necessita, igualmente, o que é na verdade danoso para a pessoa do cliente e para o processo da terapia -- além de ser altamente tóxico para ele próprio -- é de uma *atitude etnocêntrica*. É de uma estúpida atitude facciosa de uma suposta valorização de umas culturas, as suas ou as que ele idolatra, e de desvalorização das demais, ou de algumas escolhidas.

Caracteristicamente, o bom terapeuta tem bem integrada em si próprio a sua própria perspectiva

cultural. Desenvolve naturalmente, por outro lado, um respeito profundo e interesse por outras perspectivas culturais. O respeito e interesse dele por outras perspectivas culturais levá-lo-á sempre a uma atitude dialógica no seu encontro com elas, em particular no âmbito de sua prática profissional. Uma atitude de respeito e de valorização da particularidade da perspectiva cultural do outro, de sua singularidade e diferença, na pontualidade do seu encontro com ela.

Isto em função do fato de que o terapeuta competente integra, naturalmente, a perspectiva do humano genérico, a perspectiva da genericidade humana. O bom terapeuta, na verdade, desenvolve um profundo interesse e fascinação espontâneos pelo fenômeno humano, e pela multiplicidade de suas formas. Em particular de suas formas existenciais e culturais. Interessa a ele a afirmação e os desdobramentos produtivos desta multiplicidade, no drama da existência pessoal da pessoa do cliente com que ele interage. Sabe que, qualquer que seja a configuração cultural do cliente, de uma forma concreta, a partir da genericidade humana, ela é

também configuração cultural sua, dimensões de seu próprio drama e destino enquanto humano.

De modo que ele potencializa-se para participar de uma relação que contenha, da parte dele, um respeito profundo para com a constituição cultural do cliente, e para com os desdobramentos desta no âmbito da existência dele, em especial no decurso da relação psicoterapeutica.

Sempre haverá algum nível de tensão cultural entre o terapeuta e o cliente. Tensão que, eventualmente, pode subir a níveis muito significativos. Isto, é, acredito, parte e recurso do processo psicoterapêutico. O importante é que o terapeuta preserve as condições de uma atitude e relação efetivamente dialógica com o cliente, nos termos em que Buber[5] define, e o seu genuíno bom humor e espírito esportivo.

---

[5] BUBER, Martin, *Elementos do Inter humano. in* DO DIÁLOGO E DO DIALÓGICO, São Paulo, Perspectiva, 1985.

Em casos mais raros, isto pode não ser possível. A psicoterapia deve ser então suspensa e o cliente deve ser encaminhado a procurar um outro terapeuta.

CULTURATIVO E CULTUROGÊNICO, O CLIENTE ELABORA-SE E RE-ELABORA-SE CULTURALMENTE NA SUA RELAÇÃO COM O PSICOTERAPEUTA, E NA SUA COTIDIANIDADE.

Concluindo, é importante insistir no fato de que, em sendo a psicoterapia um processo de elaboração e re-elaboração cultural do cliente, não podemos dizer, em momento algum, que é o terapeuta quem opera esta elaboração e re-elaboração cultural do cliente, ainda que sua própria formação cultural pessoal possa ser um interessante recurso no processo de auto elaboração e re-elaboração cultural do cliente. O processo de elaboração e re elaboração cultural do cliente é um processo

eminentemente fenomenológico, e existencial.

É necessário considerar, ao contrário, que a psicoterapia, como processo psico-sócio-cultural, carece de ser entendida como um processo inter humano interpessoal de relação entre o psicoterapeuta e o cliente, enquanto seres individuais e transindividuais totais. E que está fora do controle consciente e voluntário, técnico, prático e científico, do terapeuta, no que concerne a sua globalidade e em suas determinações mais significativas.

De modo que não são as intervenções conscientes e voluntárias, práticas, ou técnicas, científicas ou moralistas, do terapeuta que respondem por estas determinações mais significativas do processo psicoterapêutico, e de seus efeitos. Mas a dinâmica da interação e da transação psico-sócio-cultural inter humana entre ele e o cliente. Que envolve níveis que estão fora do seu controle consciente e voluntário. E que envolve dimensões de sentido, para o cliente, que ele, terapeuta, apesar de ser parte envolvida, não pode

entender ou sequer, freqüentemente, apreender, tal o caráter subjetivo e privado da importância pessoal deles para o cliente.

O poder de auto-elaboração e re-elaboração cultural do cliente decorre de sua condição humana. É ontológico. E é apenas potencializado pelo processo da psicoterapia, por sua relação psico-sócio-cultural com chamado psicoterapeuta. ***O cliente é ontologicamente culturativo e culturogênico, a partir de suas heranças culturais, de suas capacidades, necessidades e sentidos, e dos recursos disponíveis em seu mundo e em sua atualidade existencial.***

5. A Psicoterapia Vista da Perspectiva Psico-sócio-cultural de uma Ecologia da(s) Cultura(s).

Multiplicidade e comunidade da(s) cultura(s), ecologia cultural./ Socialização, multiplicidade e comunidade de culturas: ecologia cultural./ A perspectiva subjetiva da comunidade das culturas./Exemplificações./ A psicoterapia vista da perspectiva de uma ecologia cultural./ A psicoterapia como processo de potencialização das capacidades culturativas e culturogênicas da pessoa.

Acredito que o futuro do que entendemos por *psicoterapia* muito terá a ver com o desenvolvimento de uma *ecologia cultural.* Mais especificamente, com o desenvolvimento da *perspectiva antropológica e psicossocial de uma ecologia cultural.*

Na verdade, as perspectivas aqui apresentadas emergem e conduzem-nos nesta direção.

Os ecossistemas sócio culturativos nos quais nos constituímos e vivemos, e nos quais se constituem e vivem clientes e psicoterapeutas -- em particular os sistemas sócio-culturais urbanos --, são, como sabemos, sistemas culturais muito dinâmicos, sistemas culturais múltipla e complexamente constituídos, a partir de uma grande variedade de determinações, cada uma delas com suas intensidades específicas. Suas culturas se sobrepõem, e se articulam dinamicamente, se chocam e conflitam, segundo planos de determinações étnicas, históricas,

econômicas, regionais, religiosas, de gênero, e outras.

Isto significa dizer que as pessoas socializadas nesses sistemas culturais socializam-se a partir da incidência confluente sobre o seu desenvolvimento de influências, tensões e conflitos culturais mobilizados a partir das relações das várias determinações da configuração de suas próprias culturas, e das relações desta com outras culturas que compõem o ecossistema em que ela se desenvolve e vive. As pessoas constituem a sua subjetividade, se constituem, como produtos e produtoras culturais, a partir da incidência sobre o seu desenvolvimento, e sobre o desenvolvimento de suas famílias e grupos de referência, de uma multiplicidade de influências culturais distintas: de suas forças, tensões e conflitos. Sua subjetividade, sua pessoalidade, se constituem como produto, como articulação mais ou menos tensa, de todas estas influências culturais.

Evidentemente que, por sua própria condição, a pessoa tem um poder

constituinte, tanto de si própria como de seu mundo, e não é um simples joguete, *tabula rasa,* para as forças culturais de seu ecossistema. Não podemos negligenciar, todavia, que este próprio poder constituinte da pessoa é culturalmente mediado, e que, desde a mais tenra infância, ela é socializada no âmbito, e a partir, de influências, tensões e de conflitos culturais, mais ou menos agudos, mais ou menos acentuados, mais ou menos articuláveis na constituição das determinações de sua personalidade.

Sabemos, por outro lado, que as influências culturais não têm um peso idêntico no processo de constituição da pessoa. A partir de suas vinculações familiares, históricas e sociais em geral, certos componentes culturais têm um peso maior ou exercem um papel dominante. Estas dominâncias, entretanto, não eliminam a presença e participação de outras influências menos fortes, ou mesmo de influências de força relativamente equivalentes, mas com características qualitativamente próprias.

De nossa vivência cotidiana e de nossa prática profissional, é fácil

pensar, por exemplo, um cliente, de raízes íbero-lusitanas, greco-socráticas, judaico cristãs (Católicas), fermentada intensamente por elementos pré-socráticos e pagãos. Que vive no meio urbano de uma pequena cidade do Nordeste do Brasil, e que se constitui como ser da cultura individualista burguesa, precariamente burguesa, deste meio urbano, mas que descende e ainda compartilha fortemente da cultura do meio rural sertanejo do Nordeste, comunitária, fortemente patrimonial e patriarcal, constituída de elementos semi feudais, e em processo de intensas transformações. Nosso hipotético cliente, pode, ainda compartilhar de inúmeras dimensões da cultura de um mundo burguês e de um capitalismo avançado, veiculado pelos meios de comunicação e na sua cotidianidade.

Podemos, facilmente pensar, igualmente, um cliente, de raízes também íbero-lusitanas, e magrebinas, perdidas no tempo, que descenda, mais imediatamente, da cultura do engenho, da "Casa Grande", mais especificamente, escravocrata, patrimonio-patriarcal, semi-feudal e comunitária. E que,

passada a decadência da “Aristocracia do Engenho”, busca constituir-se como ser da cultura do meio urbano, individualista. Cultura orientada para uma ética do trabalho e para o arquétipo do “self-made-man”. De várias formas antagônica às suas influências culturais mais antigas.

Podemos imaginar uma cliente brasileira, paulista, do interior de São Paulo, de origem Italiana, que continua o seu processo migratório até uma capital do Nordeste do Brasil. E que busca constituir-se aqui como uma nova pessoa, novo ser cultural, em um novo mundo, a partir de suas influências culturais ancestrais, e de suas influências culturais recentes, nos desafios emergentes da cotidianidade de sua atualidade existen-cial.

Podemos imaginar, ainda uma mulher negra, descendente da Cultura dos Negros da África trazidos para o Brasil como escravos. Descendente, em especial da Cultura de Resistência do Povo Negro durante a escravidão, que estuda em uma universidade e adquire um diploma e uma profissão

universitárias, que a diferenciam marcadamente da maioria de seus parentes e amigos mais antigos. E que tem que se constituir e reconstituir culturalmente, -- a partir, e na direção, de suas influências culturais mais antigas, das quais ela não pode se desligar e que são, na verdade, importantes fontes de força, e de conflito, para ela; e de suas influências culturais recentes, no âmbito da cultura do mundo burguês urbano de uma cidade brasileira.

Ou ainda um cliente cuja família paterna desenvolveu-se no Sertão do Nordeste do Brasil, e que migrou para a Cidade de São Paulo. E cuja família materna, de origem polonesa, se desenvolveu no Oeste do Paraná, tendo, igualmente, migrado para a Cidade de São Paulo. E ele carece de desenvolver-se a partir dos dois conjuntos de influências culturais, tendo ainda, e em especial, de constituir-se como um efetivo ser cultural cosmopolitamente paulistano.

Ou uma cliente de origem íbero-espanhola, filha de um pai artesão e de mãe doméstica, que se desenvolve

em algum lugar da Província, e que migra para a Cidade de Buenos Aires, em um certo momento de sua vida, e que carece de preservar a sua cultura original, ao mesmo tempo em que tem que se diferenciar desta, para constituir-se como ser cultural urbano da metrópole.

Ou um jovem, filho de pais de origem judaica polonesa, que emigraram, para o Brasil e que se fixaram na Cidade de São Paulo, e que carece de se desenvolver preservando elementos que lhe são caros de sua cultura ancestral, ao mesmo tempo em que carece de desenvolver novos elementos culturais, concernentes aos desafios e questões das relações sociais de sua atualidade existencial no novo contexto sócio-cultural adotado por sua família.

Como São Paulo, e de formas diversas, as cidades do Nordeste do Brasil são interessantes para a exemplificação e observação desses processos, na medida em que uma significativa multiplicidade de influências e determinações sócio

culturais conflitivas constituem a sua cultura mais geral. Determinando intensos processos de transformação sócio-cultural, com importantes repercussões no processo de desenvolvimento das pessoas.

Temos uma tumultuada, e disrrítimica, transição de uma formação sócio histórica patrimonio-patriarcal, semi-feudal, rural, para uma formação que tende para o mundo burguês de um capitalismo urbano. As duas formações têm características não só diferentes, mas francamente antagônicas, freqüentemente.

Como, por exemplo, o mencionado caráter *comunitário* da formação patrimônio patriarcal, rural -- baseada na família patriarcal --, do qual diferencia-se a cultura *individualista* burguesa do capitalismo urbano.

Os indivíduos, por exemplo, que constituem o intenso processo migratório do meio rural para o meio urbano realizam um processo que está longe de ser um processo de movimentação meramente geográfica,

apenas. É, antes, um processo abrupto de ruptura e de metamorfose cultural. Da cultura de um ecossistema *comunitário* para a cultura de um ecossistema *individualista.* No primeiro, a pessoa tende a existir, dissolvida, enquanto parte do grupo comunitário -- *A que família você pertence?*. O outro representa a dissolução da comunidade patriarcal, e a atomização da pessoa, com a imposição de importantes transformações a estrutura e dinâmica familiar. Transformações que vão tensionar o desenvolvimento da pessoa, que já não será mais um ser comunitário, mas uma pessoa inevitavelmente destinada a individuali-dade.

Nesta perspectiva, e na perspectiva dos conflitos a ela relativos, temos importantes fatores psico-sócio-culturais de constituição das pessoas no Nordeste. Esta perspectiva, e a de seus conflitos, entretanto, este *corte* no plano da formação sócio histórica, está longe de ser o único relevante. Temos importantes dimensões ligadas ao plano étnico, ao plano religioso, ao plano regional, e outros.

Uma mega-cidade como São Paulo, ou o Rio de Janeiro, possui, também, evidentemente, importantes questões neste sentido, determinadas, especificamente, tanto por trans-form-ações próprias da cultura do meio urbano, como por determinações étnicas, econômicas, de cultura regional, religiosas e outras. Na verdade, todas as cidades são o espaço por excelência para a importante participação destes fatores, tensões e conflitos no processo de constituição das pessoas.

Podemos considerar, à guisa de ilustração, algumas expressões de processos limites em certos casos de hibridismo cultural e racial. Lembro-me de um Israelense falando, emocionado, em 1982, dos filhos de casamentos entre Judeus e Árabes. Era o auge de uma das crises militares no Líbano. O que o emocionava era a beleza e a força daquelas pessoas. Quando penso que hoje, 1994, os Plestinos discutem se a legislação que vigorará na *Faixa de Gaza*, devolvida aos Palestinos, será a legislação Árabe Egípcia, anterior à

ocupação israelense, ou se será a própria legislação do Estado de Israel, imagino o que é que isto pode significar, como um sintoma de relações culturais inter-étnicas, numa situação extrema. Seus problemas, dificuldades e possibilidades, no processo de constituição cultural das pessoas naquela região, a partir de formações étnicas tão fortemente diferenciadas, conflitantes, e de alguma forma compartilhadas, em particular por filhos de casamentos mistos.

Ao longo da História da Humanidade, os Judeus têm vivenciado inúmeras situações deste tipo de relação e conflito cultural, freqüentemente com conotações extremamente dolorosas e difíceis, mas também ricas de possibilidades. Ocorre-me sempre de pensar no "hibridismo" Judeu-Germânico longamente constituído, ao longo das relações seculares entre esses dois povos, e que, por um lado degenerou no bárbaro massacre dos Judeus, mas que, por outro foi responsável por tão importantes produções culturais. Na área da Psicologia e da Psicoterapia, ele foi fundamental. Homens como Freud e

muitos outros psicanalistas, Perls, Moreno, Buber, Frankl, Binswanger, e outros. Einstein, na Física. Thomas Mann, na Literatura. Adorno, Walter Benjamin, Horkeheimer, Fromm, na Sociologia. Isto para ficar apenas em alguns exemplos.

Os exemplos todos são necessariamente simplificados, esquemáticos e ideais, diante da complexidade, dinamismo processual, especificidades e sutilezas das realidades efetivamente vividas. Podem, entretanto, variar *ad-infinitum*. Em particular os retirados da simples vivência cotidiana dos consultórios de psicoterapia. Guardarão sempre a marca de fatores culturais, e das relações, tensões e conflitos deles, na constituição das dificuldades atuais ou estruturais do cliente.

De modo que uma *ecologia cultural,* em especial a *perspectiva antropológica e psicossocial de uma ecologia cultural* -- dos ecossistemas sócio-culturais urbanos, em particular -- pode ser fundamentalmente importante para psicólogos e psicoterapeutas, e para

a teoria e prática da psicologia e da psicoterapia..

A *perspectiva antropológica e psicossocial de uma ecologia cultural,* que possa dedicar-se, ao certamente problemático e difícil, desafio de entender como interagem entre si os vários elementos constituintes, e as várias determinações culturais distintos, no interior de um ecossistema cultural. Uma *ecologia cultural* que possa situar-se e desdobrar-se numa perspectiva psicossocial, e que possa compreender a constituição da subjetividade da pessoa, a partir da particularização da multiplicidade de influências, tensões e conflitos macrossociais dos vários elementos e determinações culturais de sua atualidade existencial. Em particular de suas relações. Uma *ecologia cultural* que possa entender as especificidades e a dinâmica da psicoterapia, de seus agentes, processos e resultados neste contexto multicultural. Uma tal *ecologia cultural,* pode ser fundamentalmente importante para a elucidação dos processos de constituição da pessoa, e, em particular, para a elucidação da natureza e da constituição como tais do

cliente e do psicoterapeuta, dos processos e resultados da psicoterapia. Auxiliando, de um modo decisivo, no processo de recontextualização conceitual e metodológica deles, e, em particular da vivência de seu desempenho.

Na perspectiva de uma ecologia cultural, podemos entender a psicoterapia como uma instituição especializada em abrigar o desenvolvimento e a vivência de processos específicos de relações entre o que chamamos de terapeutas e clientes. Processos de relação que potencializem as ***capacidades culturativas e culturogênicas destes.*** No sentido de seus processos de auto-constituição e reconstituição, como ***produtores culturais efetivos***, a partir de suas heranças sócio culturais, dos poderes, e das impotências, viabilidades e inviabilidades, decorrentes dos conflitos e tensões entre os vários componentes dessa articulação de heranças.

Aparentemente, quanto mais complexo e dinâmico é um ecossistema sócio-cultural, quanto mais intensos e

diversificados são os processo de suas mudanças e *trans-form-ações* sócio-culturais, maior a carência sócio-cultural da psicoterapia. E mais intenso, e freqüente, é o processo de constituição de *clientes de psicoterapia*, e dos chamados *psicoterapeutas.* Uma vez que maiores são as tensões, conflitos e dificuldades vivenciados pelas pessoas, no seu processo de desenvolvimento e de constituição como produtos e produtoras culturais.

6. Conclusão

A necessidade de uma redefinição e de uma recontextualização da chamada psicoterapia, de seus agentes, processos e resultados, é cada vez mais evidente, e interessante. A importância dos fatores culturais é cada vez mais óbvia. Compete-nos considerar a especificidade destes fatores, e os requisitos conceituais, metodológicos, éticos, filosóficos e antropológicos necessários. Para que possamos considerá-los adequadamente. Manter o status-quo conceitual da psicoterapia é cada vez mais insustentável.

Não propomos aqui nenhum modelo de psicoterapia. Propomos fundamentalmente uma perspectiva de leitura e de compreensão do que efetivamente ocorre já como processos de psicoterapia, e resultados psicoterapêuticos, na interação entre os chamados terapeutas e clientes.

Acredito ser esta redefinição e recontextualização da psicoterapia uma

demanda do seu tempo, e do tempo de nosso desenvolvimento cultural. Não fazê-lo é que me parece que pode implicar em processos improdutivos e negativos. Afinal, *"Se não agora, quando? Se não nós, quem?"*

ophycina do livro